

# A REPRESENTATIVIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS “SER PROTAGONISTA – GEOGRAFIA – ENSINO MÉDIO” – PNLD 2018

Ana Carolina dos Santos Marques<sup>1</sup>  
Ricardo Lopes Fonseca<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo objetiva investigar a representatividade dos negros na coleção de livros didáticos Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio, aprovada no PNLD 2018. O racismo condiciona a população negra a vivenciar contextos geográficos permeados por discriminação, inferiorização e exclusão. A educação evidencia-se como uma das ferramentas mais significativas na luta antirracista. Sendo o livro didático o principal recurso pedagógico utilizado nas aulas, torna-se fundamental compreender como os negros têm sido retratados nesses materiais. A metodologia consiste em fichamento bibliográfico, análise das imagens dos livros didáticos – a partir de critérios relacionados a situação e número de personagens – e elaboração de gráficos e tabelas com os resultados obtidos. A primeira parte deste texto discute a questão racial, a Lei 10.639/03 e o ensino de geografia; a segunda parte é dedicada a compreender a relevância do livro didático e como este pode contribuir na promoção dos conteúdos raciais; e, na terceira parte, há a análise da coleção. Os resultados obtidos apontam para discrepâncias na representatividade da população negra em relação à branca. Na maioria das imagens os negros são representados em posições inferiores e situações de trabalho consideradas de menor prestígio.

**Palavras-chave:** questão racial; livros didáticos; geografia.

## THE REPRESENTATIVITY OF THE BLACK POPULATION IN THE TEACHING BOOK COLLECTION “SER PROTAGONISTA - GEOGRAFIA – ENSINO MÉDIO” - PNLD 2018

## ABSTRACT

The article aims to investigate the representativeness of blacks in the Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio textbook collection, approved in PNLD 2018. Racism conditions the black population to experience geographical contexts permeated by discrimination, inferiority and exclusion. Education stands out as one of the most significant tools in the anti-racist struggle. As the textbook is the main pedagogical resource used in class, it is essential to understand how blacks have been portrayed in these materials. The methodology consists of bibliographic records, analysis of the images of the textbooks – based on criteria related to the situation and number of characters – and elaboration of graphics and tables with the results obtained. The first part of this text discusses the racial issue, law 10.639/03 and the teaching of Geography, the second part is dedicated to understanding the relevance of the textbook and how it can contribute to the promotion of racial content and in the third part there is the analysis of the collection. The results obtained point to discrepancies in the representativeness of the black population in relation to the white. In most images, blacks are represented in lower positions and work situations considered to be of lesser prestige.

**Keywords:** racial question; textbook collection; geography.

RECEBIDO EM: 2/6/2018

ACEITO EM: 16/4/2020

<sup>1</sup> Autora correspondente. Universidade Estadual de Londrina – UEL. Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, Km 380 – *Campus* Universitário. Londrina/PR, Brasil. CEP 86057-970. <http://lattes.cnpq.br/3040702814974476>. <https://orcid.org/0000-0003-4285-7654> anaaa0@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/8482228144890080>. <https://orcid.org/0000-0002-2077-2476>.

## INTRODUÇÃO

O racismo se expressa como um conjunto de teorias que acreditam na hierarquia entre os grupos humanos. No Brasil, ele condiciona a população negra a viver marcada por discriminação, preconceito e desigualdades. Ao longo da história esse grupo sofreu com a escravidão, que causou inúmeras mortes e maus tratos, resistindo continuamente e, atualmente, vivem marcados pela segregação socioespacial<sup>3</sup>, discriminação racial, racismo institucional e desigualdade socioeconômica.

Uma das bandeiras de luta do movimento negro – organização mais importante na luta pela defesa dos direitos dos negros – é o direito à educação, e uma de suas maiores conquistas foi a criação da Lei 10.639/03, que significa um ganho no combate ao racismo, uma vez que torna obrigatório o ensino dos conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira de forma positiva, incentivando o reconhecimento das contribuições da população negra no Brasil.

Os livros didáticos são os materiais pedagógicos mais amplamente difundidos nas escolas públicas brasileiras, sendo fundamental que cumpram a Lei 10.639/03 e representem os negros de forma “real”, ou seja, não os associando apenas à escravidão, mas destacando suas contribuições para a sociedade e seus contextos de vida atualmente.

Deste modo, este texto objetiva investigar a representatividade da população negra na coleção de livros didáticos *Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio*. Os procedimentos metodológicos consistem em leitura e fichamento bibliográfico, análise das imagens dos livros didáticos e elaboração de gráficos e tabelas com os resultados obtidos.

Para a análise dos livros foram contabilizadas todas as imagens – fotografias<sup>4</sup> e ilustrações<sup>5</sup> – dos materiais que possuíam personagens com possível identificação de sua cor. As imagens foram divididas em dois grupos, as que possuíam menos de 15 indivíduos e as que possuíam mais de 15 – para isso, o número de personagens foi contado –, sendo estas últimas classificadas em predominantemente de uma determinada cor, apenas de uma determinada cor e multiculturais (com personagens de diferentes cores). Em seguida, os personagens foram identificados de acordo com as cores reconhecidas pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): brancos, indígenas, amarelos, pardos e pretos, sendo estes dois últimos agrupados no grupo de negros. Na sequência, foram elaborados gráficos e tabelas com os resultados.

A primeira parte deste texto discute, portanto, a questão racial, a Lei 10.639/03 e o ensino de geografia; a segunda é dedicada a compreender a relevância do livro didático e como este pode contribuir na promoção dos conteúdos raciais. Por fim, há a análise da coleção em questão.

<sup>3</sup> Souza (2013) defende o uso do conceito “socioespacial”, que diz respeito às relações sociais e ao espaço, sendo necessário pensar o desenvolvimento em sua dimensão espacial em múltiplas escalas. O conceito “socioespacial” refere-se apenas às relações sociais, sem estabelecer uma relação com o espaço.

<sup>4</sup> Compreendida como imagem obtida por meio de uma câmera fotográfica.

<sup>5</sup> Compreendida como representação por meio de um desenho.

## A QUESTÃO RACIAL, A LEI 10.639/03 E O ENSINO DE GEOGRAFIA

O racismo apresenta-se como um conjunto de teorias que acreditam na hierarquia entre os grupos humanos, como aponta Sant'Ana (2005). No Brasil, ele condiciona a população negra a viver marcada por discriminação, preconceito e desigualdades socioeconômicas e espaciais. Para o autor, o racismo no país está ligado à cor da pele e é a pior forma de discriminação, porque o sujeito não pode mudar as características que a natureza lhe deu. Ele surgiu no século 15 e foi se consolidando ao longo da história:

Tem-se a impressão de que o negro e o índio foram vítimas de uma conspiração bem planejada durante todos esses séculos, onde foram elaboradas doutrinas com falsa base bíblica e filosófica, bem como tentativas de comprovação de teorias com uma falsa base científica, que não resistiram ao tempo. Mas as marcas do racismo e suas maléficas conseqüências permaneceram, já que estes preconceitos sobrevivem às gerações. A discriminação e o preconceito foram se fortalecendo no dia-a-dia, criando fortíssimas raízes no imaginário popular, chegando ao ponto no qual nos encontramos hoje. O racismo tomou-se uma ideologia bem elaborada, sendo fruto da ciência européia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. E esta ideologia racista ganha força a partir da escravidão negra, adquirindo estatuto de teoria após a revolução industrial europeia (SANT'ANA, 2005, p. 49).

Como apontado por Sant'Ana (2005), o racismo foi conveniente aos europeus à medida que justificava a dominação que estes exerciam sob os povos africanos. Com os anos, o racismo adquiriu força e, apesar de não possuir mais *status* científico, já está internalizado no imaginário popular. Após a abolição da escravidão, criou-se a ideia de que o racismo teria acabado, porém, como destaca Wiewiorka (2007), o racismo passa a acontecer de forma velada e como se ocorresse sem atores, em que o conjunto dos que dominam são exteriores à sua prática e, ainda assim, se beneficiam dela. Os negros são constantemente apresentados de forma distorcida, sempre buscando inferiorizá-los.

Desta forma, o racismo torna-se velado e também institucional. A desigualdade socioeconômica e racial brasileira é consolidada à proporção que não são criadas medidas políticas, econômicas e sociais para inclusão da população negra na sociedade. Neste quadro, marcado pela discriminação, emergem os movimentos de protesto dos negros no século 20, como a Frente Negra Popular e o Movimento Negro Unificado.

Uma das bandeiras de luta do movimento negro é o direito à educação, que é considerada um instrumento de sensibilização, valorização, reivindicação e inclusão social. Em momentos marcados pela ausência de políticas para a população negra, foi o movimento negro que assumiu tarefas como alfabetizar as crianças e os adultos negros (GONÇALVES; SILVA, 2000).

Diversas reuniões, manifestações, encontros e conferências tiveram participação do movimento negro, que pressionou o governo reivindicando políticas de promoção da igualdade racial. No campo educacional, as lideranças negras procuraram articular-se com o meio político a fim de promover a luta antirracista, defender os direitos dos negros e influenciar na elaboração de políticas, como ocorreu na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, nos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e no manual "Superando o Racismo na Escola" (GARRIDO, 2008).

A Lei 10.639/03 foi criada a partir de tencionamentos do movimento negro nas esferas governamentais. Ela modifica a LDBEN 9.394/96 incluindo a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira”. Dentre o conteúdo programático está o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003). A Lei significa um ganho no combate ao racismo, posto que exige o debate dos conteúdos relacionados ao povo negro de forma positiva, destacando sua importância na formação do país:

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz européia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira [...] É preciso ter clareza que o Art. 26A acrescido à Lei 9394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas [...] Em outras palavras, aos estabelecimentos de ensino está sendo atribuída responsabilidade de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira; de fiscalizar para que, no seu interior, os alunos negros deixem de sofrer os primeiros e continuados atos de racismo de que são vítimas (BRASIL, 2013, p. 503).

Como supradestacado, é fundamental combater o pensamento eurocêntrico dos currículos escolares. Não se trata de substituí-lo por um documento apenas com bases afro-brasileiras, mas, sim, de democratizá-lo, contemplando toda a diversidade existente e reconhecendo suas colaborações para constituição da sociedade. Deste modo, cabe às disciplinas escolares adequarem seus currículos à Lei 10.639/03. No caso da geografia é essencial identificar a base geográfica da questão racial. A materialidade da lei reforça o caráter histórico dos conteúdos relacionados ao povo negro em todo o currículo, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e Histórias Brasileiras. Nesse sentido, é importante que não se comprometa e fragilize a análise geográfica, reforçando apenas uma narrativa histórica em detrimento dos conceitos geográficos.

Anjos (2005) destaca que a geografia é a área do conhecimento que tem o compromisso de tornar o mundo e suas dinâmicas compreensíveis aos estudantes, explicando-lhes as transformações territoriais e apontando soluções para uma melhor organização do espaço.

De acordo com Cavalcanti (1998), a função da geografia é formar uma consciência espacial e um raciocínio geográfico nos estudantes, de forma que possuam possibilidades de conhecer, localizar, analisar, sentir e compreender as espacialidades e práticas sociais empreendidas. A partir disso, os estudantes poderão inserir-se efetivamente no espaço geográfico e agir de maneira crítica e reflexiva, entendendo as intenções, tensões e contradições presentes.

Desta forma, um ensino de geografia que contemple a população negra de forma justa precisa desconstruir narrativas, revisar conteúdos e inserir discussões a respeito do tema. Santos (2010) elenca seis conjuntos temáticos que podem auxiliar no debate racial nas aulas de geografia: 1. Raça e modernidade: mostrar que a raça é um princípio

regulador das relações sociais e socioespaciais; 2. África: ensinar e romper com narrativas eurocentradas, focando o ensino/aprendizagem nas lutas e transformações que esse continente sofreu ao longo das décadas; 3. Branqueamento da população e do território: ressaltar que a construção de um projeto de Brasil foi estruturada em ideais de branquitude, que uma série de estratégias foram empregadas almejando o branqueamento – como imigração e miscigenação – e de que forma isso influenciou na configuração geográfica atual; 4. Comunidades remanescentes de quilombos: debater que esses espaços são marcas espaciais das resistências dos negros à escravidão; eles evidenciam que relutaram a ser escravizados, rompendo com as ideias de que aceitaram as violências sem enfrentamentos; 5. Experiências de espaço de diferentes indivíduos e grupos: ensinar que há diversos fatores que influenciam nas experiências de espaço, destacando de que forma a raça condiciona as vivências dos negros; 6. Toponímia/Marcas das histórias da presença negra: aprender a toponímia é aprender mais que os nomes dos lugares, e também a história e construção dos territórios. Assim, há a emergência de se atentar às toponímias negras e indígenas como marcas históricas e espaciais apagadas em virtude do branqueamento (SANTOS, 2010).

Com base, portanto, na função da geografia de proporcionar a compreensão das espacialidades instituídas pelos sujeitos, considerando suas implicações, desdobramentos e intenções, ao refletir sobre a questão racial é imprescindível que o ensino dessa ciência discuta temas como a influência da população negra na construção do território brasileiro, suas espacialidades, as motivações que justificam os negros a se concentrarem nas periferias brasileiras e de que forma as desigualdades socioeconômicas e a exclusão socioespacial determinam suas trajetórias de vida.

A partir desse debate os estudantes terão acesso a um ensino de geografia estruturado na pluralidade, que reconhece a diversidade populacional e seus legados. Nesse debate é fundamental romper com os eurocentrismos e demonstrar que o cenário vivenciado pela maior parte da população negra atualmente – marcados por discriminações – não é uma escolha, mas, sim, uma condição imposta pela estrutura de poder à que os negros resistem diariamente.

Neste sentido, é importante que todos os instrumentos e materiais de ensino sejam adequados para a promoção dos conteúdos relacionados à questão racial, como o livro didático, a fim de que preconceitos e estereótipos não sejam reforçados em sala de aula nem disseminados pelos estudantes.

## **LIVRO DIDÁTICO NA PROMOÇÃO DOS CONTEÚDOS RACIAIS**

Os livros didáticos são materiais pedagógicos gratuitos controlados pelo Estado e que só podem ser adotados com a autorização do Ministério da Educação. Para sua disponibilização é necessário que sejam avaliados e aprovados, e cabe ao PNLD realizar essa tarefa. A cada ciclo o Programa lança editais para que os escritores de livros didáticos inscrevam suas obras. Estas são avaliadas por equipes especializadas e, em seguida, as obras selecionadas são apresentadas às escolas e ao corpo docente, que escolhem os livros de sua preferência e que se adequem melhor a seus objetivos.

Entende-se que os livros didáticos são os materiais pedagógicos mais amplamente difundidos nas escolas públicas brasileiras, mais utilizados pelos professores e que são uma das únicas fontes de leituras de alunos oriundos de classes populares:

Para as crianças empobrecidas, esse livro ainda é, talvez, o único recurso de leitura na sua casa, onde não se compram jornais e revistas. Também para o professor dessas escolas, onde os materiais pedagógicos são escassos e as salas de aula repletas de alunos, o livro didático talvez seja um material que supra as suas dificuldades pedagógicas. Por outro lado, em virtude da importância que lhe é atribuída e do caráter de verdade que lhe é conferido, o livro didático pode ser um veículo de expansão de estereótipos não percebidos pelo professor. O livro didático, de um modo geral, omite ou apresenta de uma na simplificada e falsificada o cotidiano, as experiências e o processo histórico cultural de diversos segmentos sociais, tais como a mulher, o branco, o negro, os indígenas e os trabalhadores, entre outros (SILVA, 2005, p. 23).

Como destacado por Silva (2005), os livros didáticos possuem uma ampla escala de utilização e neles são depositados um caráter de verdade; assim, torna-se fundamental que estes materiais não reforcem preconceitos e estereótipos e que discutam a diversidade étnico-racial existente no Brasil de forma realista e justa. O PNLD define, em seus editais, critérios obrigatórios a todos os livros didáticos no que se refere à população negra. É instituído que se deve promover positivamente sua imagem, cultura e história afro-brasileira, atribuindo visibilidade aos seus valores, tradições, organizações, conhecimentos e participação social na construção da sociedade, e que se deve abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando a uma sociedade antirracista (BRASIL, 2015).

De acordo com pesquisas a respeito dos livros didáticos, porém, as obras, em muitos casos, não estão adequadas ao debate racial e possuem abordagem superficial. Silva (2005) salienta que os personagens negros nos livros aparecem desempenhando papéis subalternos, são frequentemente retratados como escravizados e suas lutas e resistências não são mencionadas. Além disso, a autora ressalta a necessidade de desconstruir os estereótipos difundidos pelos livros didáticos em que os negros são incompetentes, sujeitos, feios e maus.

Garrido (2008) salienta que a história da escravidão dos negros é retratada de forma amenizada. Muitos livros afirmam que a revolta dos escravizados era resultado apenas da longa jornada de trabalho e da falta de liberdade, não mencionando as violências sofridas. Silva, Teixeira e Pacifico (2013) assinalam a permanência da representação do negro enquanto escravizado, sendo este passivo e massacrado pelo sistema, e a presença de imagens dramáticas que retratam cenas de castigos corporais, fugas e torturas. Não há, ainda, referências e menções a respeito da África, e, quando esta existe, o continente é representado como selvagem, rural e pobre.

Em suma, as pesquisas elencadas demonstram que a população negra possui uma representação subalterna nos livros didáticos analisados. A imagem dos negros é constantemente associada à escravidão e ao passado, como se não existissem hoje, evidenciando uma abordagem simplista de suas características e percursos de vida.



Anjos (2005) ressalta que é necessário inserir devidamente o papel da população negra nos ciclos econômicos do Brasil, revelar seu contingente populacional, discutir a influência cultural oriunda da África e informar acerca da importância dos africanos e seus descendentes na adequação aos trópicos da tecnologia pré-capitalista brasileira. A África é outro tema que necessita ser estudado de forma mais adequada. O continente geralmente está colocado nas partes finais dos livros e com um espaço menor se comparado ao restante do mundo; em alguns casos ele não é estudado em razão do esgotamento do tempo escolar para cumprimento do programa (ANJOS, 2005).

Evidencia-se, portanto, a inadequação dos livros didáticos analisados pelos autores citados. Os livros didáticos apenas reforçam preconceitos e estereótipos. Os negros dificilmente são retratados em posições consideradas de prestígio. Sua contribuição cultural, econômica e social não é abordada, suas imagens remetem sempre ao passado da escravidão e em nenhum momento é apresentado como ator do saber científico e membro da sociedade brasileira atual. Estes fatos apontam para a necessidade de adequar os livros didáticos e pressionar o Estado e suas instâncias para a representação justa dos negros tanto nos matérias em questão quanto em esferas da sociedade.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Coleção analisada neste artigo foi a Ser Protagonista de Geografia, produzida para os 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio e aprovada pelo PNLD de 2018 (BALDRAIA *et al.*, 2016; BALDRAIA; SAMPAIO; SUCENA, 2016; VIEIRA, 2016). De acordo com o PNLD (2018), na coleção destaca-se o estudo do espaço geográfico baseado na interdisciplinaridade e na contextualização dos conteúdos, além de privilegiar a aprendizagem dos conteúdos voltados para a cidadania e os direitos humanos. Os livros dos estudantes do:

[...] 1º ano concentra as temáticas da produção capitalista do espaço, com o foco na geografia agrária, na dinâmica da natureza e finaliza com a cartográfica temática. Há a seguinte sequência de Unidades: 1. A produção do espaço no capitalismo, 2. A dinâmica da natureza; 3. Espaço agrário; e 4. A representação do espaço produzido.

[...] 2º ano tem seu foco nas múltiplas escalas, trata da relação sociedade e natureza, da industrialização e da urbanização como processos principais da organização do território. O livro apresenta a seguinte organização em Unidades: 1. Sociedade e paisagens naturais; 2. A produção do espaço industrial; 3. Dinâmicas Populacionais; e 4. Urbanização e movimentos sociais.

[...] 3º ano aborda a geopolítica, com o destaque para a questão ambiental e os conflitos territoriais. O livro apresenta a seguinte sequência de Unidades: 1. A produção do espaço político; 2. A nova ordem internacional; 3. O espaço político: focos de tensão; e 4. Os desafios políticos do século XXI (PNLD, 2018).

Os conteúdos geográficos que os livros didáticos em questão abordam são pertinentes para se compreender o espaço geográfico, assim como as espacialidades instituídas pelos sujeitos, evidenciando um ensino de geografia que objetiva uma consciência espacial dos estudantes. Temáticas como as modificações criadas no espaço geográfico pelo sistema capitalista, o espaço agrário, industrial, urbano e político, os movimentos sociais e os conflitos territoriais, possibilitam a abertura de um amplo debate que oferece a compreensão da organização espacial atual e os eventos que resultaram na mesma.

O conceito de situação geográfica mostra-se pertinente para a análise das imagens. De acordo com Cataia e Ribeiro (2015), ele permite articular variáveis, agentes e processos em diversas escalas a partir de um foco particular. A situação vincula universalidade e particularidade, além de estabelecer nexos entre mundo, formação socioespacial e lugar, possibilitando compreender os usos do espaço, como o próprio termo indica: sítio mais ação. Os autores discutem que a situação geográfica oportuniza a interação de escalas, ou seja, “[...] o entendimento de que algum aspecto local frequentemente se encontra em outras escalas, como a regional, a nacional ou a mundial” (CATAIA; RIBEIRO, 2015, p. 15).

Neste contexto, as imagens são fundamentais para ilustrar, complementar e reforçar os conteúdos ensinados; elas retêm a atenção dos estudantes e melhoram o entendimento, tornando os conteúdos menos abstratos.

Uma linguagem imagética não se desenvolve de forma exclusiva pelo sujeito, sendo reconhecida e gradativamente estabelecida, facilitando a composição de um novo signo, ou seja, a obtenção de uma determinada realidade ou conceito (SANTAELLA, 2013).

É importante compreender que aprender geografia significa dominar uma nova linguagem, reunida a um método específico para o entendimento do mundo. Os signos que remetem aos personagens apreciados neste artigo apresentam-se inseridos ao longo da Coleção de livros didáticos de geografia analisados, compondo um grupo de representação que tem como principal finalidade interpelar um mesmo objeto; neste caso, a população negra.

Por essa visão, é possível entender, em conformidade com o pensamento de Santaella (2013), que cada signo apreciado, por meio da representação imagética, detém ofertas diferentes em relação ao sentido de seu objeto (neste artigo tratando-se da questão étnico-racial).

Dessa forma, esse tratamento, que é considerado linguístico e gráfico, é aplicado na composição de uma relação pedagógica, aqui devidamente ligada à disciplina de geografia, tendo em conta, portanto, que a linguagem geográfica depende de um conhecimento já definido, convencionalmente estruturado.

As fotografias demonstram uma comunicação existencial, universal e temporal envolvendo a imagem e o objeto. Conforme o entendimento de Santaella (2013, p. 231), a fotografia “está lá, cabendo ao intérprete apenas como uma realidade já existente”, podendo-se considerar que as fotografias são signos que emitem ao seu leitor uma realidade já conhecida, apresentada, contudo, de modo imóvel.

Ainda em conformidade com Santaella (2013), em razão de as fotografias possuírem uma relação entre a realidade e o espectro representado, em hipótese alguma a identificação e a decomposição dos cenários consegue impor uma exigência significativa por parte do apreciador para entendimento daquilo que se está representando. É preciso, contudo, que, por meio das representações presentes nos livros didáticos, os alunos consigam identificar-se e se viem representados nas fotografias apresentadas nos livros didáticos.



Nos livros analisados é ressaltado que em todas as unidades e capítulos há um significativo número de imagens, fotografias, charges e obras que representam a diversidade estética da população (PNLD, 2018). Desta forma, para constatar essa afirmação e investigar a representatividade dos negros na Coleção, todas as imagens – fotografias e ilustrações – que possuíam personagens passíveis de classificação foram analisadas. Estes livros foram contabilizados e classificados segundo as cores estabelecidas pelo IBGE: brancos, negros (pardos e pretos), indígenas e amarelos. As imagens foram divididas em dois grupos, as que possuíam menos de 15 indivíduos e as que possuíam mais de 15, sendo estas últimas classificadas em predominantemente de uma determinada cor, apenas de uma determinada cor e multiculturais (com personagens de diferentes cores). Por fim, foram elaborados gráficos e tabelas com os resultados obtidos.

### **A REPRESENTATIVIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA NA COLEÇÃO SER PROTAGONISTA – GEOGRAFIA – ENSINO MÉDIO**

Na Coleção há 80 fotografias com 15 ou mais de 15 pessoas; destas, 18 são multiculturais, possuindo personagens de diversas cores, e em 10 fotografias não é possível distinguir a cor dos indivíduos. O restante das fotografias é representado na Tabela 1.

Tabela 1 – Quantidade de fotografias com mais de 15 pessoas segundo a cor na Coleção Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio

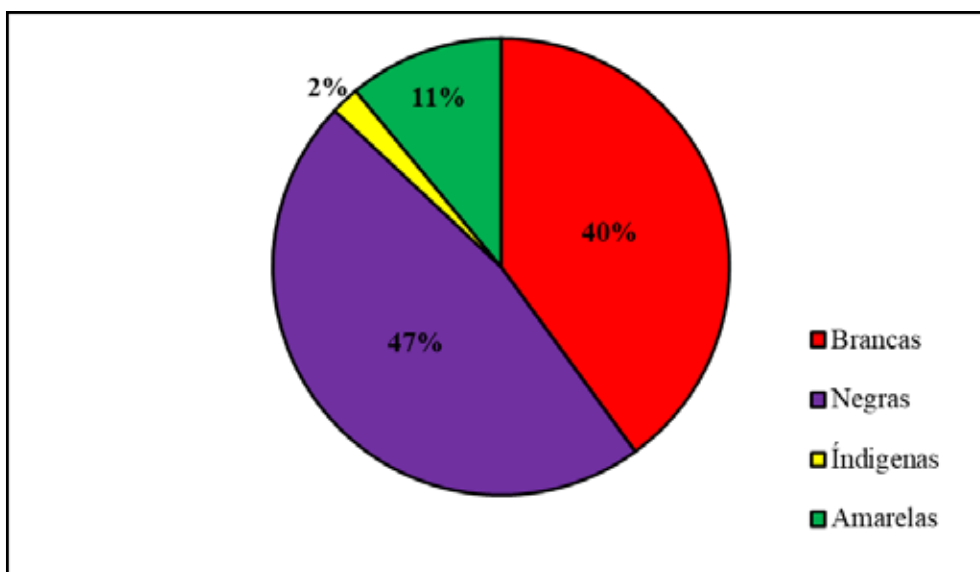
| <b>Cor/Característica da imagem</b> | <b>Apenas pessoas desta cor</b> | <b>Predominância de pessoas desta cor</b> |
|-------------------------------------|---------------------------------|---|
| <b>Branco</b>                       | 4                               | 19  |
| <b>Negro</b>                        | 9                               | 10  |
| <b>Indígena</b>                     | 0                               | 2   |
| <b>Amarelo</b>                      | 5                               | 3   |

Fonte: Elaborada pelo autores.

Conforme a Tabela 1, evidencia-se que quatro fotografias possuem apenas pessoas brancas e em 19 há a predominância destas. Em relação à situação retratada, a maioria aparece em manifestações e momentos de lazer. Apesar de as pessoas negras possuírem maior número de fotos com apenas este grupo (nove), estes personagens, assim como nas dez imagens com sua predominância, são representados majoritariamente em situações de trabalho e de manifestação. As pessoas amarelas estão presentes em oito imagens (cinco com apenas amarelos e três com predominância destes) em situações, em sua maioria, de lazer e manifestações. Já a população indígena é retratada em apenas duas imagens em situações cotidianas das comunidades em que vivem.

Na Coleção há cem fotografias com menos de 15 personagens, totalizando 446 pessoas. A Figura 1 representa a cor destes indivíduos.

Figura 1 – Percentual de pessoas segundo a cor em fotografias da coleção Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio

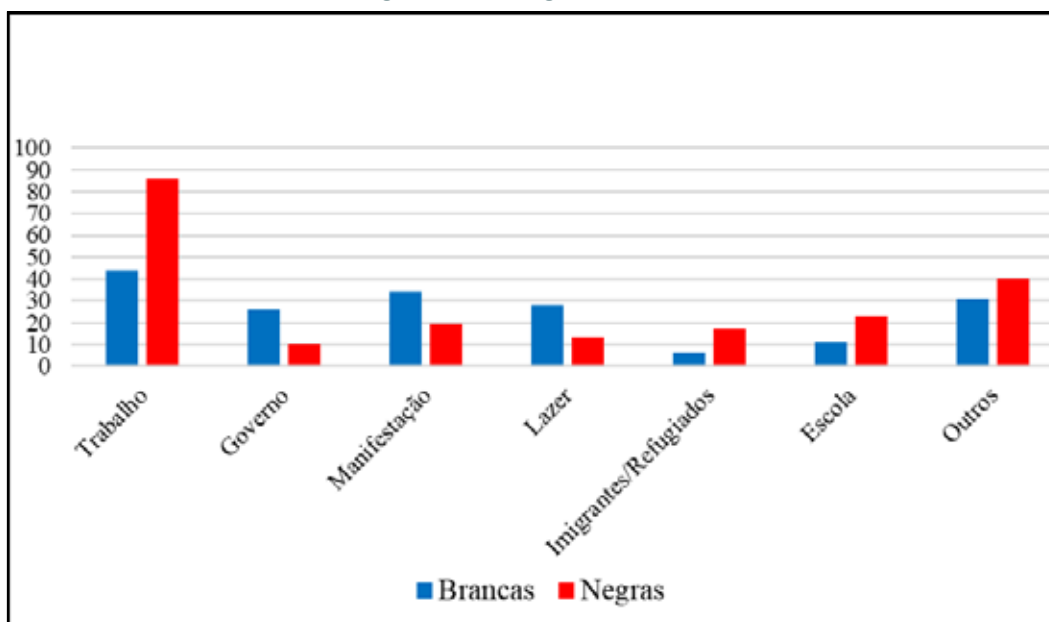


Fonte: Elaborada pelos autores.

Consoante a Figura 1, nota-se que os personagens negros predominam na Coleção com 47%; em seguida há os personagens brancos correspondendo a 40%, seguidos dos 11% de personagens amarelos, e, por último, há os indígenas, com representação de apenas 2%.

Apesar de os indivíduos negros serem os mais retratados na Coleção, para compreender essa representatividade é preciso identificar a situação. Para tanto, foram selecionados apenas os personagens negros e brancos, a fim de evidenciar a possível desigualdade existente na retratação, como mostra a Figura 2.

Figura 2 – Situação das pessoas segundo a cor em fotografias da coleção Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio



Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com a Figura 2, a situação mais presente na Coleção é o trabalho, posto que a maior parte dos personagens nesta situação são negros, praticamente o dobro dos brancos. Os personagens negros também são maioria nas situações em que há imigrantes ou refugiados, escola e outros. Já nas categorias governo, manifestação e lazer há o predomínio de personagens brancos.

Em relação às ilustrações da coleção, há 4 ilustrações com mais de 15 personagens; em nenhuma delas há indígenas e amarelos, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2 – Quantidade de ilustrações com mais de 15 personagens segundo a cor na Coleção Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio

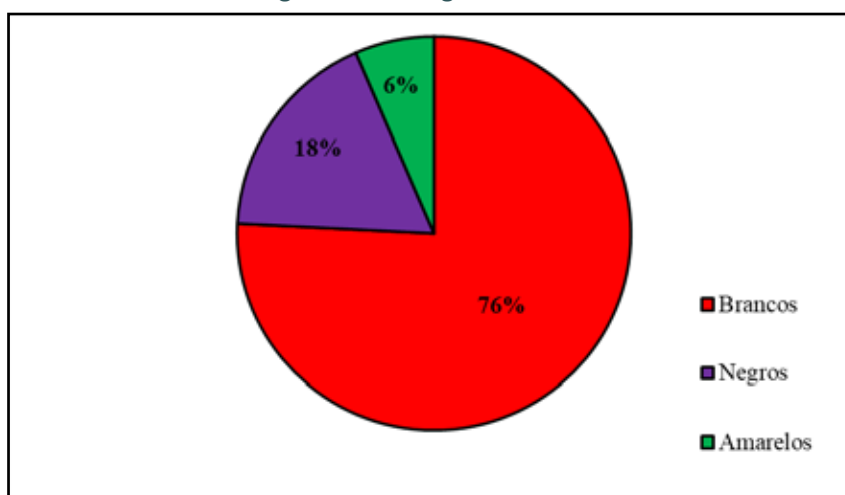
| Cor/Característica da imagem | Apenas personagens desta cor | Predominância de personagens desta cor |
|------------------------------|------------------------------|--|
| <b>Branco</b>                | 2                            | 1                                      |
| <b>Negro</b>                 | 0                            | 1                                      |
| <b>Indígenas</b>             | 0                            | 0                                      |
| <b>Amarelos</b>              | 0                            | 0                                      |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme a Tabela 2, evidencia-se que, das quatro ilustrações presentes na Coleção, duas possuem apenas personagens brancos e uma tem predominância destes, e, além disso, uma apresenta predominância de personagens negros. Nas quatro ilustrações a situação retratada é de trabalho.

No que diz respeito às ilustrações com menos de 15 personagens, há um total de 43 que contém 107 personagens. A cor destes é retratada na Figura 3.

Figura 3 – Percentual de personagens segundo a cor em ilustrações da coleção Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio

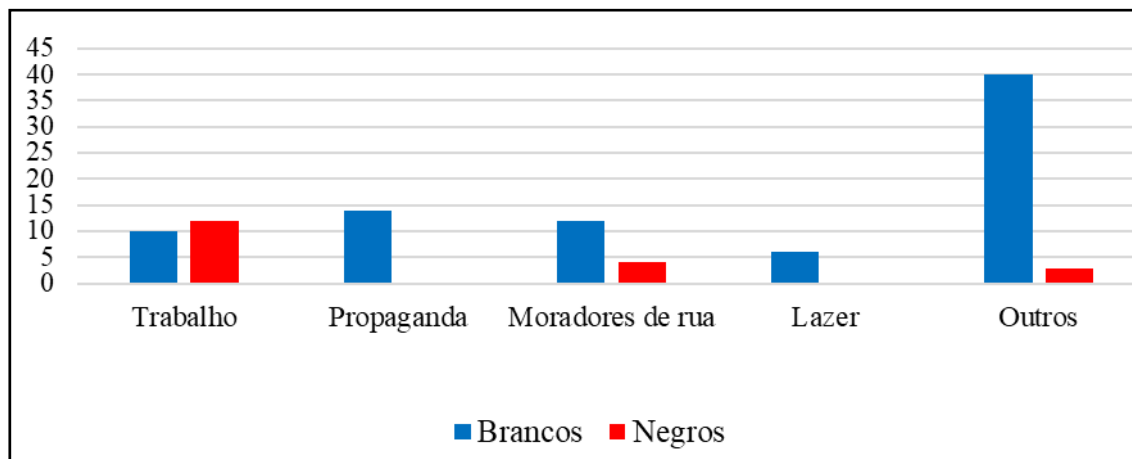


Fonte: Elaborada pelos autores.

Como apresentado na Figura 3, os personagens brancos predominam – 76% –, em seguida há os personagens negros – 18% – e, por último, tem-se os amarelos – 6%. Os personagens indígenas não são retratados nas ilustrações. Desta forma, a diversidade étnico-cultural é pouco representada nas ilustrações, os brancos são a maioria e o restante das cores possuem representatividade mínima.

A fim de compreender a diferença de representatividade entre brancos e negros, as situações destes personagens foi indicada e demonstrada na Figura 4.

Figura 4 – Situação de personagens segundo a cor em ilustrações da coleção Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio



Fonte: Elaborada pelos autores.

Por meio da Figura 4 nota-se que os personagens negros são maioria apenas nas situações relacionadas a trabalho. Em momentos de lazer e em propagandas nenhum negro é retratado, há apenas a presença de personagens brancos, como se apenas estes últimos desfrutassem dessas situações. Apesar disso, os brancos são maioria em situações em que há a presença de moradores de rua. Na categoria outros, os brancos são maioria; dentre as situações estão manifestações, votações e assuntos relacionados ao governo.

Desta forma, por intermédio de todas as imagens analisadas – fotografias e ilustrações – os personagens mais retratados foram os brancos, possuindo maior representatividade. Os negros têm certa representatividade na Coleção didática, porém a maioria das imagens em que são retratados voltam-se para situações de trabalho, sendo estes trabalhos considerados de menor prestígio pela sociedade. Já os brancos, majoritariamente, estão em situações de manifestação e lazer, retratando os momentos de reivindicação e descanso dessa parcela da população. Quando os brancos são retratados em situações de trabalho, este geralmente é considerado de maior prestígio pela sociedade. Apesar de a maior parte das imagens não favorecer a população negra, em algumas ela é representada de forma positiva, como em suas manifestações culturais, escolas e figuras importantes.

As Figuras 5, 6 e 7 representam algumas das situações discutidas anteriormente.

Figura 5 – Situações de trabalho – 1: Pesquisador branco; 2: Catadora de lixo negra



Fonte: BALDRAIA *et al.* (2016).

Figura 6 – 1: Personagens brancos em situações de lazer; 2: Milton Santos, importante geógrafo negro



Fonte: BALDRAIA *et al.* (2016).

Figura 7 – 1: Personagens negros trabalhando em fazenda de cana; 2: Personagens brancos em situação de lazer



Fonte: VIEIRA *et al.* (2016).

As imagens expostas aqui, assim como as restantes dos livros, possibilitam a complementação dos conteúdos. A situação dos personagens ilustrados aponta para os contextos em que eles vivem e permite pensar as vivências dessas pessoas. Observa-se na Figura 6.1, por exemplo, idosos se exercitando em um parque localizado em uma zona privilegiada de Curitiba, e, a partir disso, pode-se questionar: Esses idosos provavelmente moram nos arredores do parque? Suas moradias devem ser de boa qualidade, considerando sua localização? Eles possuem uma condição financeira favorável? Em contrapartida, quando se observa a Figura 5.2, em que uma catadora de lixo negra é representada, pode-se perguntar: Como foi a vida dessa mulher para se encontrar nesse cenário? Quais espacialidades ela instituiu? De que forma as desigualdades socioeconômicas e espaciais prejudicaram ela? Será que ela possui uma moradia? Ela possui qualidade de vida? Possui família? Qual sua renda mensal?

Deste modo, as imagens podem provocar uma série de questionamentos que apontam para a base geográfica da vida das pessoas representadas. Por meio da situação geográfica, constata-se o cenário em que as pessoas provavelmente vivem e isso nos leva a deduzir como sujeitos nas mesmas condições se encontram. Assim, as escalas são articuladas e nos permitem pensar no local, que recebe influências e materializa o global, a exemplo de outras imagens contidas no livro, como imigrantes e moradores de rua, que possibilitam entender que em uma escala global há inúmeras pessoas na mesma situação.

Em suma, a Coleção analisada apresenta avanços na representatividade da população negra, porém ainda representa imagens inferiorizadas e estigmatizadas em determinados momentos. Os personagens negros são ilustrados, majoritariamente, em condições de trabalho menos prestigiados e pouco aparecem associados ao lazer ou situações positivas, apontando para um reforço dos estereótipos que perseguem a população negra. Deste modo, há um longo caminho a ser percorrido, sendo fundamental que os livros didáticos se adequem verdadeiramente a leis e documentos, como a Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, dentre outras contribuições, forma indivíduos para atuar na sociedade. Ela possui grande influência na constituição da identidade dos estudantes, sendo fundamental que a população negra seja valorizada, para que os estudantes negros conheçam sua história e possuam orgulho da mesma, assim como para que os estudantes não negros entendam o povo negro, suas vivências e reconheçam sua importância, não disseminando preconceitos.

Há uma série de imaginários enraizados na sociedade e que estimulam a propagação do racismo, da discriminação e de preconceitos que prejudicam a população negra. É importante que os livros didáticos, enquanto os principais materiais pedagógicos utilizados na educação, estejam adequados à Lei 10.639/03 e que representem a população negra de forma “real” e não estigmatizada, relacionando-os apenas à escravidão.

A Coleção Ser Protagonista – Geografia – Ensino Médio, analisada neste artigo, apresenta avanços na representação da população negra. Apesar de os brancos serem a maioria das pessoas e personagens retratados, em alguns momentos os negros têm



suas manifestações culturais, pesquisadores e estudantes representados. Ainda assim, porém, na maioria das imagens, os negros aparecem em posições inferiores aos brancos. Grande parte destes últimos são predominantemente retratados em situações de lazer, manifestação e trabalho que, geralmente, é considerado de prestígio na sociedade. Já a população negra tem sua maior representação em situações de trabalho, porém os de menor prestígio, como catadores de lixo, camponeses e operários.

A geografia possui diversas potencialidades no debate racial, auxiliando no entendimento das espacialidades da população negra, de suas trajetórias de vida, das desigualdades socioespaciais que as acompanham e das situações geográficas as quais vivenciam. É fundamental que essa ciência desenvolva discussões nesse sentido e proporcione aos estudantes o reconhecimento da relevância dos negros na construção e atual configuração do país.

A análise empreendida nesta pesquisa, portanto, restringe-se a apenas uma Coleção, mostrando-se importante a investigação de outros livros para entender se o panorama em que a população negra é subrepresentada se repete. Salienta-se, ainda, a pertinência da Lei 10.639/03, no sentido de promover conteúdos raciais e, também, auxiliando a luta antirracista.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Geografia, a África e os negros brasileiros. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 173-184.
- BALDRAIA, André; SAMPAIO, Fernando dos Santos; SUCENA, Ivone Silveira. *Ser protagonista: geografia, 3º ano: Ensino Médio*. São Paulo: Edições SM, 2016.
- BALDRAIA, André *et al.* *Ser protagonista: geografia, 2º ano: Ensino Médio*. São Paulo: Edições SM, 2016.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003*, Brasília, 9 jan. 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica; Conselho Nacional da Educação; Câmara Nacional de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC; SEB; Dicesi, 2013. p. 562 p.
- BRASIL. *Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2018*. Ministério da Educação, 2015. 75 p.
- CATAIA, Márcio Antonio; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Análise de situações geográficas: notas sobre metodologia de pesquisa em Geografia. *Anpege*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 15, p. 9-30, jan./jun. 2015.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escolar e a construção de conceitos no ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 87-136.
- GARRIDO, Mírian Cristina de Moura. Livro didático, movimento negro e PNLD: uma proposta de pesquisa. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, 19., 2008, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: ANPUH/SP; USP, 2008. p. 1-11.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15, p. 134-158, set./out./nov./dez. 2000.
- PNLD. *Guia Digital – Geografia*. 2018. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2018/>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- SANT'ANA, Antonio Olimpio. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-67.

SANTOS, Renato Emerson dos. Ensino de geografia e currículo: questões a partir da Lei 10.639. *Terra Livre*, São Paulo, n. 26, v. 34, p. 141-160, jan./jun. 2010.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-38.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; TEIXEIRA, Rozana; PACIFICO, Tânia Mara. Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 127-143, jan./mar. 2013.

SANTAELLA, Maria Lúcia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras e Fapesp, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

VIEIRA, Bianca Carvalho et al. *Ser protagonista: geografia, 1º ano: Ensino Médio*. São Paulo: Edições SM, 2016.

WIEVIORKA, Michel I. Ferramentas para análise. In: WIEVIORKA, Michel I. *O racismo, uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 14-70.